

GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: ONDE ENCONTRAMOS AS CRIANÇAS?

Geography of childhood: where do we find children?

Geografía de la infancia: donde encontramos a los niños?

Jader Janer Moreira Lopes

Universidade Federal de Juiz de Fora/Universidade Federal Fluminense

jjanergeo@gmail.com

Bruno Muniz Figueiredo Costa

Universidade Federal de Juiz de Fora

brunomunizedu@gmail.com

Resumo:

Este artigo traz uma reflexão sobre o campo de estudos denominado Geografia da Infância. Como um campo ainda com pouca inserção nos estudos acadêmicos brasileiros, busca-se refletir sobre os fundamentos do binômio crianças e espaço, por meio das expressões conceituais que se desdobram da ciência geográfica brasileira. Além disso, buscou-se traçar um panorama dos estudos e investigações envolvendo essa temática no Brasil.

Palavras-chave: Geografia da Infância. Crianças. Espaço geográfico.

Abstract:

This article brings a reflection about the field of study called Childhood's Geography. With little insertion in the Brazilian academic studies, we seek to reflect about the fundamentals of children and space, through the conceptual expressions that unfolds from the Brazilian geographical science. Furthermore, we sought to draw a panorama of studies and investigations involving this theme in Brazil.

Keywords: Childhood's Geography. Children. Geographic Space.

Resumen:

Este artículo trae una reflexión sobre el campo de estudios denominado Geografía de la Infancia, el cual tiene poca inserción en los estudios académicos brasileiros. Se busca reflexionar sobre los fundamentos del binomio dado entre niños y espacio, a través de las expresiones conceptuales que se despliegan de la ciencia geográfica brasileira. Además, se buscó trazar un panorama de los estudios e investigaciones que involucran esa temática en Brasil.

Palabras clave: Geografía de la Infancia. Niños. Espacio Geográfico

INTRODUÇÃO

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao

cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram-se, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. (...)

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (...)

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado, (...) Fabiano meteu a faca na bainha, guardou no cinturão, acorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. (...) pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinho que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cabitos. (...)

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

Graciliano Ramos – Vidas Secas

As crianças estão por aí. Como seres humanos e vivendo suas condições geo-históricas, andam por muitos espaços. Colocamos esse título de forma a provocar os leitores e leitoras deste artigo a lembrar que as crianças existem, possuem um ser e estar no mundo e que não podem ser invisibilizadas ou emudecidas em nossa relação responsiva (BAKHTIN, 2010) para com o outro.

A Geografia brasileira deu pouca atenção às crianças em seus estudos. Ouçamos uma curta narrativa:

João foi recrutado entre as crianças pobres vivendo na Lisboa do século 16, para viver e aprender o ofício de grumete nas naus e galeões que percorriam os oceanos nas viagens ultramarinhas. Em troca sua família iria receber um soldo que ajudaria no sustento dos demais membros que ficariam em terra. Ele não será a única criança a bordo, haverá outras, mas entre elas a sua vida será de duro trabalho, ele não terá nenhuma forma especial de proteção, não terá um lugar para se alojar; o convés, a céu aberto, é que provavelmente o abrigará; em caso de naufrágio, não terá prioridade no salvamento, nem um lugar disponível nos esquifes e salva-vidas, destinados aos nobres, aos tonéis de água e biscoito; terá uma alimentação escassa e de péssima qualidade; poderá sofrer violência física por parte dos demais membros da tripulação como forma de castigo ou aprendizado; assédio e violência sexual também são práticas comuns.

Se sobreviver e tiver sorte, João pode chegar a ocupar um cargo mais elevado na hierarquia que compõe o cotidiano das comunidades marítimas, mas isso só poucos conseguem. (LOPES, 2008, p.66)

A epígrafe de Graciliano Ramos, descrevendo a vida dos filhos de Fabiano e Sinhá Vitória pelas planícies avermelhadas do território brasileiro, e a vida de João, criança do século XVI, recrutada para o processo de deslocamento na travessia entre o continente europeu e as terras dominadas e colonizadas no hemisfério sul, poderiam se juntar com as vivências de muitas outras crianças, esquecidas, negligenciadas, pouco protagonizadas em nossas pesquisas geográficas.

O campo de Estudos da Infância veio se constituindo, no Brasil, nas últimas décadas, pela contribuição de diferentes áreas de pesquisa, tais como a Sociologia, Psicologia, História, Filosofia, Pedagogia, entre outros, fomentado pelas mudanças de paradigmas que trouxeram um novo olhar para as crianças, novos locais para elas nas investigações e na vida em sociedade. A consolidação desse campo passa pela implementação de periódicos, publicação de livros, sistematização de grande número de artigos, cursos de pós-graduação, pesquisas e encontros que têm, como ponto de convergência, o interesse pelas crianças e suas infâncias, sob essas diferentes perspectivas.

Apesar de advir de diferentes áreas, todas partilham de alguns princípios comuns, pelo menos na gênese desses trabalhos, dentre os quais destacamos James, Jenks e Prout (1998): a infância é uma construção social e não deve ser reconhecida apenas como um período de imaturidade biológica, percorrendo um caminho de fases para a vida adulta; se a infância é social, devemos pensar em sua condição plural e não apenas em sua universalidade; deve ser compreendida pelas diversas variáveis sociais que se cruzam como o gênero, classe social, etnia, entre outros; como seres sociais, crianças são pessoas com competências históricas e geográficas, cognitivas e emocionais, que diferem das dos adultos, apresentando culturas singulares que se estabelecem nas redes dos demais setores da sociedade. Devem, portanto, ser consideradas em sua condição de “agência” (*agency*), de protagonismo. Esses marcos comuns serviram de base para a mudança epistemológica ocorrida nos anos 80 e 90, século XX, que buscavam superar aquilo que James, Jenks e Prout chamaram de “abordagens pré-sociológicas da infância” (*idem*).

As contribuições da Geografia para esse campo são bem mais recentes, mas vêm sendo cada vez mais presentes nas pesquisas como um importante referencial, especialmente pelos trabalhos da Geografia da Infância, quer no Brasil, como em outros países e centros acadêmicos¹.

O presente texto compartilha um esforço de refletir e levantar as dissertações e teses de mestrado e doutorado, de diferentes áreas, que tenham citações de referenciais da Geografia da Infância presentes em suas composições, e compreender, em linhas gerais, as possíveis leituras que vêm sendo realizadas sobre tal referencial. Para tanto, inserimos o verbete: “Geografia da Infância” e pesquisamos no banco de teses da CAPES, no sítio eletrônico *Google Acadêmico*² e retornamos ao banco de dados que vem sendo levantado e sistematizado pelo Grupo de Pesquisas em Geografia da Infância nos últimos anos³.

GEOGRAFIA DA INFÂNCIA – BREVES APONTAMENTOS

Até agora, não houve nenhuma tentativa de questionar ‘o espaço de vida urbana’ ou respondê-la cientificamente. Em ambas literaturas, psicológica e pedagógica, ‘a criança’ tem sido simplesmente um objeto de pesquisa. Os poucos e recentes estudos que contrastam a criança da cidade e a criança rural não oferecem uma análise detalhada, nem

¹ No ano em que o GRUPEGI - Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância, completa 10 anos de existência, temos visto, no Brasil, a ampliação e a sistematização desse referencial em um grande número de publicações, seja em artigos, dissertações e teses.

² Sistema de busca eletrônica de busca de arquivos com trabalhos científicos.

³ Disponível em: <http://geografiadainfancia.blogspot.com.br/>

descrição da realidade da vida na cidade, nem tentam capturar o ‘espaço de vida’ da criança urbana. (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 78-Tradução nossa)

Martha Muchow, alemã vivendo no início do século XX, foi uma das primeiras investigadoras a buscar uma outra forma de olhar a vida das crianças nas cidades. Sua pesquisa, publicada pelo seu irmão após sua morte, é um relato atual, que se aproxima dos trabalhos contemporâneos dos Estudos da Infância⁴.

Na Geografia, nossos estudos têm situado as bases epistemológicas que sustentam essa área de conhecimento à década de 1970⁵. Tais bases estão calcadas em uma Geografia Humanista, que vê, no espaço geográfico, uma importante dimensão para a compreensão das crianças e suas infâncias. Assim sendo, não se trata de uma subdivisão do campo da Geografia, mas, antes, de uma tentativa de interlocução com os demais campos do saber que compõem os Estudos da Infância.

Outra importante base inicial desse referencial é a Psicologia Cognitiva de Piaget, cuja defesa baseava-se na ideia de que a noção espacial da criança se constituía em um processo linear e organizado por etapas. Seus estudos ampliaram a compreensão sobre como as crianças vivem, concebem e representam os espaços, além de serem pioneiros em afirmar que as crianças possuem lógicas próprias – e diferentes do mundo adulto – para lidar com o mundo.

Além dos referenciais acima mencionados, podemos apontar a obra de Armand Frémont, *La Région, espace vécu* (1976)⁶, na qual se defende a ideia de que as experiências dos espaços são significadas por cada sujeito de diferentes maneiras, e outra importante obra, *The image of the city*⁷, de Kevin Lynch (1960), que revela a importância de se compreender a percepção das pessoas nos diferentes espaços vivenciados.

Segundo Guitart (2007), têm crescido as pesquisas com foco nas infâncias de áreas urbanas e rurais e os diferentes lugares ocupados pelas crianças nesses contextos, sua participação e protagonismo. Além disso, aponta trabalhos com foco nas crianças migrantes, em situação de rua, invisibilizadas.

Lehman-Frisch e Vivet (2012) organizam as pesquisas na área da Geografia da Infância em duas vertentes. A primeira considera a perspectiva das próprias crianças e como vivenciam as espacialidades em seu meio social. A outra vertente baseia-se em estudos que analisam a distribuição das crianças em diferentes espaços e a maneira como se relacionam com as desigualdades e as contradições ali estabelecidas.

No Brasil, a Geografia da Infância assume o diálogo com os referenciais da perspectiva histórico-cultural de Vigotski e demais colaboradores. Especialmente ao abordar a unidade entre meio e desenvolvimento humano, Vigotski acaba por nos convidar a olhar o espaço geográfico para muito além de palco ou superfície das ações humanas, mas, efetivamente, como instância constituinte do desenvolvimento humano.

⁴ Para maiores detalhes, acesse o artigo “O espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Marta Muchow às crianças e suas espacialidades, de Lopes e Fichtner (2017), disponível em:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5564/3675>

⁵ Ver o artigo: LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. (2013), disponível em: file:///C:/Users/Jader%20Janer/Downloads/915-1910-1-PB%20(2).pdf

⁶ A Região, espaço vivido (tradução nossa).

⁷ A imagem da cidade (tradução nossa).

Estudos como os de Lopes e Vasconcellos (2005), Lopes (2008), entre outros, vêm se debruçando sobre os estudos das crianças, suas infâncias e condições geográficas a partir de dois argumentos. O primeiro defende as crianças como sujeitos sociais ativos e que também produzem espaços, como sujeitos de geografias, o que nos impossibilita pensar as dinâmicas das crianças fora de suas espacialidades. O segundo vê no, espaço geográfico, um vetor fundamental para a compreensão das crianças, constituintes e constituídas pelos espaços do mundo. À Geografia da Infância atribui-se “ler” a infância através do espaço geográfico e de suas expressões, tais como a paisagem, o território, os lugares, as redes, entre outros. É também o reconhecimento de que as crianças apresentam seus protagonismos geográficos, na interface dos mundos infantis e mundos adultos.

Nos últimos anos, viemos acompanhando um crescente interesse pelos estudos da Geografia da Infância, por meio de bancas, eventos, publicações e, especialmente, pelo grande número de acessos ao *blog* do GRUPEGI⁸, provenientes de diferentes lugares do mundo. Isso nos moveu a compreender melhor como vem acontecendo a apropriação, pelo meio acadêmico, dos referenciais e estudos que temos desenvolvido, como será apresentado a seguir.

GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: ESTADO DA ARTE

Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve. Tampouco posso passar ao longo de suas fileiras para, na presença de ouvintes amigos, revistá-los. Nada disso vocês têm que temer. Ao contrário, devo pedir-lhes que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia após uma escuridão de dois anos justamente, a fim de, desde o início, compartilhar comigo um pouco da disposição de espírito – certamente não elegíaca, mas, antes, tensa – que estes livros despertam no autêntico colecionador. Pois quem lhes fala é um deles, e, no fundo está falando de si. (...).

Walter Benjamin

Lembramo-nos de Benjamin (1987) e de seu texto “Excertos de Desempacotando minha biblioteca. Um discurso sobre o colecionador”. Colocamos suas palavras como epígrafe como forma de começar a revelar aquilo que estamos chamando de Estado da Arte, expressão tão conhecida dos que se aventuram nas investigações acadêmicas e presentes em monografias de conclusões de curso dos diferentes níveis acadêmicos.

Mas convidemos outro autor para a conversa: Zigmunt Bauman. Ele, em seu livro “Vidas Deperdiçadas – La Modernidad y su Parias” (2008), ao abordar a situação dos “resíduos” humanos como uma das características da produção da modernidade, faz um levantamento sobre essa expressão em alguns buscadores do mundo virtual, em suas palavras:

El 29 de novembro de 2002 utilicé cuatro buscadores para localizar as páginas web referentes a la noción de “resíduo”. Altavista encontro 6.353.800 direcciones de paginas web. Google halló 11.500.00 (com la advertencia que se trataba de un valor aproximado; Google se enorgullece de la velocidad de su búsqueda, la cual se limito a 0,07 segundos). Lycos localizó 17.457.433 páginas web. Allthewb localizó 17.478.410. (BAUMAN, 2008, p.40)

O conhecido escritor propõe uma pesquisa em sítios eletrônicos, como os explicitados, por acreditar que a rede mundial, a invenção da memória eletrônica, pode nos revelar significativas situações dos eventos do mundo que vivemos: o número que tal tema aparece em determinados espaços virtuais não apenas revela a circulação, mas também a significância de sua existência. E foi assim que organizamos o quadro a seguir.

QUADRO 01	
Geografia da Infância – referência bibliográfica em dissertações e teses	
Ano	Referência
2003	LOPES, Jader Janer Moreira. Então somos mudantes: espaço, lugar e identidades em crianças migrantes. Tese (Doutorado em Educação). Orientação: Vera Maria Ramos de Vasconcellos. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.
2006	RIBEIRO, Nathalye Nallon Machado. Diálogos na Educação Infantil: concepções de infância. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Léa Stahlschmidt Pinto Silva. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.
2008	<p>ARAÚJO, Rita de Cássia Barros de Freitas. Construindo sentidos para a inclusão das crianças de seis anos de idade no ensino fundamental de nove anos: um diálogo com os professores. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Déa Lúcia Campos Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2008.</p> <p>CHAIGAR, Silvio Frederico da Silva. A Vida Condominial e as Sociabilidades: Estudo de caso do PAR – Querência, Pelotas, RS. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Nirce Saffer Medvedovski. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.</p> <p>CRUZ, Patrícia de Góes. A criança num ambiente urbano densamente povoado: aspectos de restrição e uso do espaço. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Maria Inês Gasperetto Higuchi. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.</p> <p>FERNANDES, Cinthia Votto. Eu gosto de brincar com os do meu tamanho!: culturas infantis e cultura escolar – entrelaçamento para o pertencimento etário na instituição escolar. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Maria Carmen Silveira Barbosa. Co-orientação: Ana Cristina Coll Delgado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.</p>
2008	NETTO, Karla Berbat. Alfabetizações cotidianas: lendo o espaço, descobrindo o mundo e escrevendo a <i>palavramundo</i> nos anos iniciais. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Carmen Lúcia Vidal Perez. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

2009	<p>AMORIM, Franciana Caon. Não tem parquinho, mas eu adoro brincar aqui. O uso do espaço escolar pelas crianças em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Mary Rangel. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.</p> <p>THEODOROVITZ, Igor José. Uso social do ambiente: Um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Floresta Adolpho Ducke. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Maria Inês Gasparetto Higuchi. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.</p>
2010	<p>BONOMO, Lorena Lopes Pereira. Geo-grafias cotidianas – as possibilidades da aula como encontro nas fronteiras espaciais de aprender e ensinar. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Carmen Lúcia Vidal Pérez. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.</p> <p>COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. Crianças e suas Geografias: processos de interação no meio técnico-científico-informacional. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.</p> <p>FRIGÉRIO, Regina Célia. Essa rua é a melhor do mundo: vivências do mundo-rua fotografado por crianças. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.</p> <p>NORONHA, Evelyn Lauria. As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras-perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância. Tese (Doutorado). Orientação: Manuel Jacinto Sarmiento. Universidade do Minho, Braga – Portugal, 2010.</p>
2011	<p>BENEDICT, Katherine Cilae. Nas tramas das teias cartográficas: cartografia com crianças. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.</p> <p>CUZZIOL, Ana Paula Gomes. Pequenos-gigantes entre si: notas etnográficas acerca da capacidade e da disponibilidade dos bebês em viver socioculturalmente. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.</p> <p>GONÇALVES, Glauco Roberto. A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Odette Carvalho de Lima Seabra. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2011.</p> <p>MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço. Ambientes da infância e a formação do educador: arranjo espacial no berçário. Tese (Doutorado). Orientação: Vera Maria Ramos de Vasconcellos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.</p> <p>PEREIRA, Izaionara Cosmea Jadjesky. Centro de atendimento educacional especializado e Escola de educação infantil: o que dizem as crianças desse entrelugar. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Sonia Lopes Victor. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.</p>
2011	

	<p>ROCHA, Luciene Karine da Silva. Crianças, infâncias e espaços: conhecendo suas culturas e suas geografias. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.</p>
2012	<p>ARENHART, Deise. Entre a Favela e o Castelo: Efeitos de Geração e Classe. Tese (Doutorado). Orientação: Lea Pinheiro Paixão. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.</p> <p>CASSIMIRO, Maria Aparecida D'Ávila. Os espaços da educação infantil no campo nas lentes das crianças. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Liana Gonçalves Pontes Sodré. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.</p> <p>GOMES, Marcus Vinícius. Para além dos muros da escola: caminhos para compreensão da educação na cidade. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Ana Maria L. Darou. Co-orientação: Rafael Straforini. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.</p> <p>JULIASZ, Paula Cristiane Strina. Tempo, espaço, corpo na representação espacial: contribuições para a educação infantil. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Rosângela Doin Almeida. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.</p> <p>LEITE, Vanessa Ferraz. Tecnologias do cuidado no cotidiano: descrições sociotécnicas de computadores que habitam uma pediatra. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Dolores Cristina Gomes Galindo. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2012.</p> <p>MADANÊLO, Daniela Helena Vieira de Lima. A gênese da noção de território na ontogênese humana: olhares localizados a partir da creche UFF. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.</p> <p>MEDEIROS, Fernanda Vieira de. Cartografias com crianças: composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Carlos Eduardo Ferraço. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.</p> <p>MORUZZI, Andrea Braga. A pedagogização do sexo da criança: do corpo ao dispositivo da infância. Doutorado. Orientação: Anete Abramowicz. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.</p>
2012	<p>ROSA, Sandra Coppini. Por uma infância genereficada: espaços significativos do contexto escolar. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Maria Simone Vione Schwengber. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.</p> <p>REBELO, Andressa Santos. Os impactos da política de atendimento</p>

	<p>educacional especializado: análise dos indicadores educacionais de matrículas de alunos com deficiência Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Mônica de Carvalho Magalhães Kassar. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012.</p> <p>VIEIRA, Belissa Saadi. Manifestações culturais e ambientais das crianças nos espaços de recreação do CAIC/FURG: Contribuições para a Educação Ambiental. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Vanessa Hernandez Caporlúngua; Ana Cristina Coll Delgado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.</p> <p>ZAPPAROLI, Kellen Fabiana Gubolin. Espaços institucionais e inclusão: os olhares de dentro. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.</p>
2013	<p>GONÇALVES, Tânia Regina Peixoto da Silva. Alfabetização Geográfica: o olhar de educadores geográficos de universidades públicas brasileiras. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Vicente Paulo dos Santos Pinto. Co-orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.</p> <p>TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. “Isto não é uma criança!”: Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da Sociologia da Infância de língua inglesa. Tese (Doutorado). Orientação: Anete Abramowicz. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.</p> <p>ZANETTE, Marcos Suel. Espaço Habitado e o Espaço que nos habita: dizeres das espacialidades na fala das educadoras de creche. Tese (Doutorado). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.</p>
2014	<p>BASTOS, Lilian Francieli Moraes de. A participação infantil no cotidiano da escola: crianças com voz e vez. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Vânia Alves Martins Chaigar. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2014.</p> <p>CAMARGO, Fernanda Monteiro Barreto. Memórias imagéticas revisitando as narrativas infantis em contexto escolar de ensino fundamental. Doutorado. Orientação: Gerda Margit Schutz Foerste. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.</p> <p>CABRAL, Paula Camila Pires. A cultura da infância pelas lentes da representação cinematográfica. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Romilson Martins Siqueira. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.</p> <p>FARIA, Eliete do Carmo Garcia Verbena e. Lugares da infância: mobilidade e práticas cotidianas das crianças nos espaços sociais de interação. Tese (Doutorado). Orientação: Manuel Jacinto Sarmento. Estudos da Criança – Especialidade Sociologia da Infância. Universidade do Minho, Minho, 2014.</p> <p>FLÓRIO, Ricardo Amorim. Das Trocinhas pós-escolares de Florestan</p>

	<p>Fernandes às novas condições sócio-espaciais pós-escolares de crianças na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.</p> <p>LIMA, Reinaldo José de. Tem que estar no mapa porque faz parte do mundo: cartografia com crianças em Areal. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.</p> <p>PAULA, Elaine de. “VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos. Tese (Doutorado). Orientação: João Josué da Silva Filho. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.</p>
2015	<p>BONOMO, Lorena Lopes Pereira. Políticas e poéticas infantis na invenção de lugares-comuns. Tese (Doutorado). Orientação: Carmen Lúcia Vidal Perez. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.</p> <p>KUSHANO, Elizabete Sayuri. Turismo, infância e cotidiano: Percepções e sentimentos de crianças residentes em Matinhos (Paraná – Brasil). Tese (Doutorado). Orientação: Miguel Bahl. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.</p> <p>PRETTO, Zuleica. Crianças no Contexto de um bairro em processo de urbanização na Ilha de Santa Catarina (2010-2014). Tese (Doutorado). Orientação: Mara Coelho de Souza Lago; Silvia Maria Fávero Arend. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2015.</p> <p>QUEIROZ, Fabiana Rodrigues Oliveira. “Aqui não é lugar de entrar no Facebook, aqui é a escola!”: Crianças, seus espaços vivenciais e usos das mídias e novas tecnologias no contexto educativo. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Raquel Gonçalves Salgado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2015.</p> <p>ROBERTI, Daniel Luiz Poio. Cartografia de quem produz cartografias: narrativas sobre crianças, mapas e escolas. Tese (Doutorado). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.</p>
	<p>BENEDICT, Katherine Cilae. Representação Espacial nos Games: o que dizem as crianças jogadoras? Tese (Doutorado). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.</p> <p>CARVALHO, Lorena Julieta de. Crianças e criações: espacialidades e tecnologias em movimento. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Jader Janer Moreira Lopes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.</p> <p>COSTA, Bruno Muniz Figueiredo Costa. Geografia Escolar: crianças e infâncias no primeiro ano do Ensino Fundamental em Juiz de Fora/MG. Orientação: Nídia Nacib Pontuschka. Programa de Pós-Graduação em</p>

<p>2016</p> <p>2016</p>	<p>Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.</p> <p>MARSON, Noam Alves Martins. Redescobrimo espaços de esperanças: Um resgate do sentimento topofílico nos ambientes escolares de Uberlândia. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Marlene Terezinha de Muno Colesanti. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.</p> <p>NASCIMENTO, Carla Cristiane Nunes. Geografia da Infância e Bairro-Vivência das crianças moradoras do bairro Dom Bosco em Juiz de Fora/MG, na aurora do século XXI. Tese (Doutorado). Orientação: Júlio César Suzuki. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.</p> <p>NEVES, Leonardo Logen. Lugares Educativos como possibilidade para as experiências estéticas na educação infantil. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Rosânia Campos. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Joinville, 2016.</p> <p>OLIVEIRA, Julia Toko Tachikawa. Trajatórias e caminhos: uma cartografia dos bebês. Tese (Doutorado). Orientação: Anete Abramowicz. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.</p> <p>OLIVEIRA, Luiz Gustavo Prado de. A mediação na educação infantil: o caso das unidades do Proinfância no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Maria Fernanda Rezende Nunes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016a.</p> <p>OLIVEIRA, Rita de Cássia. A influência do contexto escolar na maneira de brincar de crianças da educação infantil. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Heloisa Helena Oliveira de Azevedo. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016b.</p> <p>PORTO, Thiago Bogossian. “Se você não me falasse, eu nem saberia”: A territorialização do TDAH em uma instituição federal de Educação. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Zoia Ribeiro Prestes. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.</p> <p>POUBEL, Paula Figueiredo. Representações sociais da cidade de Cuiabá: Estudo com crianças em contexto de escolas particulares. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Daniela B. S. Freire Andrade. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.</p> <p>SILVA, Leonardo Mattos da Motta. Educação do corpo na associação brasileira de educação: as semanas de educação (1928-1935). Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Edivaldo Góis Júnior. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.</p>
	<p>PAZ, Damaris Teixeira. Aspectos constitutivos do engajamento e participação de jovens em coletivos socioambientais na região metropolitana de Manaus/AM. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Maria Inês Gasparetto Higuchi. Pós-Graduação em Ciências do</p>

2017	<p>Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM. Universidade Federal Do Amazonas, Manaus, 2017.</p> <p>RAMOS, Ana Paula Borges. O estudo do Meio nos anos iniciais do Ensino Fundamental como possibilidade de entrelaçar a Geografia e a Educação Ambiental. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Orientação: Cláudia da Silva Cousin. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.</p> <p>RODRIGUES, Guilherme Goretti. A Educação Quilombola na Comunidade Colônia do Paiol – Bias Fortes (MG). Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Dileno Dustan Lucas de Souza. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.</p> <p>SILVA, Luana Santos da. A infância dos “pequenos indígenas” Mbyá-Guarani da Tekoá Pindó Mirim: Os entrecruzamentos com a natureza e o protagonismo nos processos educativos. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Orientação: Narjara Mendes Garcia; Mártin César Tempass. Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.</p>
------	---

Uma breve análise dos trabalhos aqui relacionados nos possibilita acessar, em caráter preliminar, um repertório de leituras possíveis relacionadas ao referencial da Geografia da Infância. Abaixo, trazemos uma organização, em linhas gerais, de diferentes vertentes que tem, na Geografia da Infância, um referencial que compõe as pesquisas.

* CRIANÇAS, INFÂNCIAS E ESPACIALIDADES:

Os trabalhos que constituem esta vertente trazem em comum a reflexão sobre a autoria das crianças na produção de suas Geografias. Nesse sentido, mantêm o foco nos diferentes usos e apropriações que fazem do espaço, produzindo espacialidades outras.

Um dos temas mais presentes nesta vertente trata da condição das crianças que vivem em espaços urbanos. Trabalhos como Chaigar (2008), Cruz (2008), Theodorovitz (2009), Frigério (2010), Noronha (2010), Gonçalves (2011), Arenhart (2012), Gomes (2013), Faria (2014), Flório (2014), Pretto (2015), Nascimento (2016), Poubel (2016) e Paz (2017) prezam pelas vozes das crianças sobre suas vivências no urbano. Assim, discutem questões que envolvem as diferentes infâncias que se dão nas cidades.

Destacam-se as vivências das crianças e os diferentes usos que fazem dos espaços das cidades e seus desafios. Nessa perspectiva, deparam-se com a vida nos condomínios fechados, nas comunidades de periferia, sentem a falta de espaços para recreação, a precariedade da infraestrutura habitacional. Brincam nas ruas, trabalham nas feiras, vivem e leem o mundo e os diferentes espaços que compõem a cidade.

Trata-se de pesquisas que enfatizam o quanto as vivências urbanas das crianças são atravessadas por questões de ordem estrutural. Reforçam, portanto, a condição da infância como categorial social estrutural e apontam a condição autoral das crianças, ao lidarem com esses atravessamentos a partir de lógicas próprias.

Outro tema de concentração muito presente envolve as vivências das crianças no espaço escolar. Pesquisas como Amorim (2009), Pereira (2011), Cassimiro (2012), Rosa (2012), Marson (2016), Neves

(2016) indicam a escola como espaço privilegiado de encontro para as crianças. São trabalhos que evidenciam os significados atribuídos pelas crianças em suas vivências escolares, nos diferentes usos que fazem do espaço da escola, sobretudo, como lugar da brincadeira.

Ainda na perspectiva das crianças e suas espacialidades, muitas pesquisas revelam a amplitude que o referencial da Geografia da Infância consegue atingir. Vemos isso em Lopes (2003), que se dedica a compreender a produção de identidade em crianças que migram e Costa (2010), que objetiva compreender a interação das crianças com objetos em um meio técnico-científico-informacional. Por sua vez, Bonomo (2015) tenta compreender os sentidos das “geo-grafias” constantes nas políticas e poéticas infantis, enquanto Kushano (2015) investiga o binômio turismo-cotidiano pelo olhar de crianças que vivem em uma cidade turística. Tentando acessar a interpretação de crianças sobre seu contexto vivenciado, Silva (2017) busca compreender como “pequenos indígenas” criam suas Geografias.

*** GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E TECNOLOGIAS:**

Nesta vertente, os trabalhos, que trazem em comum a presença das tecnologias como elemento constituinte dos espaços vivenciados pelas crianças, buscam compreender as interpretações que elas produzem sobre os usos que fazem de tais espaços, a partir de elementos tecnológicos, na relação com os adultos e com seus pares.

A pesquisa de Leite (2012), que assume como campo de pesquisa uma ala de pediatria hospitalar, propõe-se a compreender a relação computadores-criança hospitalizada nesse espaço. Na investigação, acessa a produção de espacialidades das crianças e seus afetos, aproximando-se de um processo de humanização em saúde.

Carvalho (2016) procura compreender as concepções de tecnologia presentes nos diferentes espaços que as crianças desenvolvem. Para tanto, mantém o foco nos usos que elas fazem de objetos cada vez mais comuns em suas vidas, tais como celulares, *tablets* e videogames.

O trabalho de Queiroz (2015), abordando as crianças que vivenciam tempos e espaços escolares na interação com seus pares e com os adultos, busca compreender como o fato de as mídias e novas tecnologias permearem esse contexto interfere nessas vivências.

São trabalhos que evidenciam a condição de nativas de uma nova condição geográfica na qual as tecnologias se fazem cada vez mais presentes.

Cabe ainda lembrar que pesquisas como Frigério (2010), Sousa (2016), Benedict (2011, 2016), entre outras, têm, na tecnologia, um importante suporte. Contudo, na elaboração deste texto, estarão compondo outras vertentes, com as quais estabelecem maior diálogo.

*** DIÁLOGOS ENTRE A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA, GEOGRAFIA E DEMAIS SABERES ESCOLARES:**

Os diálogos entre a Geografia da Infância e a Geografia Escolar estão presentes nesta vertente. De maneira geral, as pesquisas discutem como o trabalho que envolve o saber geográfico escolar é tocado pelas Geografias que as crianças produzem e das quais são portadoras.

A pesquisa de Vieira (2012) tenta compreender como a Educação Infantil pode comportar debates acerca das questões sócio-ecológico-ambientais. Sua abordagem reconhece que os espaços usados pelas crianças são também constituídos por saberes, diálogos, culturas e histórias, entre outros, e estão diretamente relacionados às possibilidades da Educação Ambiental.

Na mesma perspectiva, Ramos (2017) investiga as possibilidades presentes nas práticas de Estudo do Meio. Para tanto, procura, nos discursos das crianças, a articulação entre lugar e leitura de mundo na busca dos entrelaçamentos entre a Geografia Escolar e a Educação Ambiental.

O trabalho de Gonçalves (2013) tem, como sujeitos de pesquisa, educadores geográficos das universidades públicas. Seu principal objetivo é compreender como tais sujeitos concebem a alfabetização geográfica. Nesse sentido, estabelece o diálogo entre o referencial da Geografia da Infância com o discurso dos sujeitos. Os referenciais da Geografia da Infância contribuem também para investigações sobre práticas educativas de leitura do espaço e produção da escrita, como em Netto (2008). Já Camargo (2014) trata de memórias imagéticas e narrativas como práticas educativas.

Por sua vez, a pesquisa de Costa (2016) tem como objetivo compreender as vivências da Geografia Escolar pelas crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental a partir de seu protagonismo. A investigação busca os significados de tais vivências por meio do que as crianças falam, produzem e representam.

O protagonismo infantil e geográfico das crianças, sobretudo nos espaços de Educação Infantil, é o foco de pesquisas como Bonomo (2010), Bastos (2014). A maneira como as crianças interpretam e compreendem suas vivências no cotidiano da escola passa por sua condição geográfica. Nessa perspectiva, outras pesquisas buscam compreender as relações educativas entre escolas de Educação Infantil (OLIVEIRA, 2016b), ou entre a escola de Educação Infantil e outros contextos, como as comunidades quilombolas (PAULA, 2014; RODRIGUES, 2017).

*** GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E FORM(AÇÃO) DOCENTE:**

Esta vertente traz pesquisas com foco principal nos aspectos formativos e na prática cotidiana do professor em diálogo com as reflexões sobre as crianças e suas geografias.

As pesquisas de Moreira (2011) e Zanette (2013) têm, como sujeitos, educadores que trabalham em berçários e creches. Os autores se apoiam nos referenciais da Geografia da Infância para debater aspectos que vão do arranjo espacial das instituições às concepções de espacialidade dos educadores.

Araújo (2008) pesquisa sobre a inclusão das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental de nove anos. Para tanto, conversa com professores, em diálogo com a Geografia da Infância, na busca pela compreensão dos sentidos produzidos pelo novo contexto escolar.

Já Ribeiro (2006) cruza as concepções de professores e crianças acerca da Educação Infantil. Por sua vez, Oliveira (2016a) investiga as possibilidades de contribuição para melhoria do papel do profissional docente envolvido no Programa Proinfância/RJ.

*** GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E CARTOGRAFIA COM CRIANÇAS**

As investigações que constituem esta vertente trazem em comum uma perspectiva que trata as crianças pelo seu protagonismo. Por isso, falam de uma cartografia COM crianças, e não PARA ou SOBRE elas.

Em sua pesquisa, Roberti (2015) realiza um resgate com importantes professoras e pesquisadoras da área da Cartografia e Cartografia Escolar no Brasil. Trata-se de um trabalho que reconstrói trajetórias e organiza narrativas sobre o trabalho que vem sendo realizado com as crianças e a Cartografia nas escolas.

Já os trabalhos de Medeiros (2012), Lima (2014) e Benedict (2011, 2016) investigam a autoria das crianças na produção e vivência cartográficas. A análise da produção de representações da paisagem, a produção de mapas urbanos, a produção e a interpretação de mapas de games compõem cartografias realizadas com crianças que partem de suas Geografias da Infância.

*** GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E PESQUISA COM BEBÊS**

As investigações que trazem como foco principal os bebês e suas espacialidades abrem, ao campo de Estudos da Infância, novas possibilidades de compreensão desses sujeitos cuja dinâmica é pouco conhecida ainda.

A pesquisa de Cuzziol (2011) indica a competência dos bebês em viver socioculturalmente. Segundo a pesquisadora, ao vivenciarem os diferentes espaços do mundo, nossos bebês empenham-se em interagir e aprender com os outros bebês, comunicar-se, resolver problemas e aprender culturalmente.

Já Tebet (2013) realiza uma grande revisão dos estudos da Sociologia da Infância de língua inglesa. Aponta que, embora tenham rompido importantes paradigmas, os estudos que surgem a partir dos anos 1990 não levaram em consideração a dinâmica dos bebês. A autora destaca, ainda, a necessidade de pesquisas com os bebês por meio da Cartografia, alimentando os debates sobre a sua infância, o espaço e o cotidiano.

Este é o propósito da pesquisa de Oliveira (2016). Nesse trabalho, a autora assume os bebês como protagonistas de traçados cartográficos e mapeia os seus movimentos e ações cotidianas em uma instituição de Educação Infantil. Amplia, assim, as possibilidades de discussão acerca das metodologias de pesquisas e estudos com bebês.

*** GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E TEMÁTICAS DIVERSAS**

Esta vertente comporta uma diversidade maior de temáticas. São trabalhos que reforçam a importância da Geografia da Infância como referencial que traz como uma de suas principais características as múltiplas possibilidades interpretativas e de diálogo.

A gênese de noções geográficas nas crianças é uma temática presente em trabalhos como Juliasz (2012, 2017) e Mandanêlo (2012). A primeira relaciona a Cartografia e a Geografia, no intuito de compreender o pensamento espacial das crianças. Já a segunda orienta o foco para a gênese da noção de território das crianças.

Algumas pesquisas que se debruçam sobre as culturas da infância também dialogam com a Geografia da Infância, por entenderem ser o espaço geográfico elemento constituinte de tais culturas, como é o caso de Rocha (2016). Já Fernandes (2008) aborda as culturas da infância pelo pertencimento etário no brincar e toma o espaço escolar como elemento fundamental dessa relação. Por sua vez, Cabral (2014) busca, na linguagem cinematográfica e nas paisagens das quais é portadora, elementos da cultura da infância.

A Geografia da Infância vem dialogando também com pesquisas que envolvem a inclusão e políticas de assistência. É o caso de pesquisas como Zapparoli (2012) e Porto (2016). Trata-se de investigações que consideram o espaço geográfico como dimensão de desenvolvimento de sujeitos com deficiência.

Investigações que tratam da educação do corpo têm dialogado com o referencial da Geografia da Infância, evidenciando como o contexto histórico-geográfico tem implicações diretas na infância que se produz e, de modo especial, nas práticas que se inscrevem para a educação do corpo. É o caso de pesquisas como Moruzzi (2012) e Silva (2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida real do engenho girava sobre os invernos. Região seca nas proximidades da caatinga, tudo no Corredor dependia do bom ou do mau inverno. As secas puxadas podiam até extinguir as sementes de cana. A maior, a que dera a meu avô momentos de desespero, foi, se não me engano, a de 1907.

Pela primeira vez vi de perto a fome. Meninos nos ossos, mulheres desnudas e homens arrastando-se sem forças. Paravam por debaixo do engenho e meu avô mandava distribuir farinha do barco com mel de furo.

(José Lins do Rego em Meus Verdes Anos)

Começamos, para finalizar, com a epígrafe de José Lins do Rego, clássico da literatura brasileira, à qual acrescentamos outros escritos:

Na primeira noite, arrancharam-se numa tapera que apareceu junto da estrada, como um pouso que uma alma caridosa houvesse armado ali para os retirantes. O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro. Já as mulheres tinham improvisado uma trempe e acendiam o fogo. E a carne foi assada sobre as brasas, chiando e estalando o sal. Pondo na boca o primeiro pedaço,

Chico Bento cuspiu:- lá! sal puro! Mesmo que pia! Mocinha explicou:

- Não tinha água mode lavar...

Sem se importarem com o sal, os meninos metiam as mãos na farinha, rasgavam lascas de carne, que engoliam, lambendo os dedos.

(QUEIROZ, 1937, p. 15).⁹

⁹ QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. Disponível em: <https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2016/03/o-quinze-obra-rachel-de-queiroz.pdf>

E, ainda:

A ordem era clara: se alguém viesse buscar água no poço, ele devia fazer fogo. Água... Água pra Maria Valéria. Água pros sitiados. Água pra d. Alice. Água pros meninos. Água pra velha Bibiana. O pior de tudo era haver mulheres e crianças dentro do casarão. No princípio do cerco o chefe federalista tinha erguido uma bandeira branca e mandado o Pe. Romano propor a Licurgo Cambará que fizesse as mulheres e as crianças se refugiarem na casa paroquial, com todas as garantias de vida e de respeito por parte dos revolucionários. Mas Cambará dera uma resposta seca: “O lugar da minha família é no Sobrado. Daqui não sai ninguém. Não aceito favor de maragato”. O padre voltou acabrunhado com a resposta. “Sua alma, sua palma”, disse o chefe federalista. E o tiroteio recomeçou. (VERÍSSIMO, 2009, p. 22)¹⁰.

Crianças em embarcações nas travessias para o futuro território que iria se chamar Brasil, crianças trabalhando nas fábricas do Brasil que crescia, crianças escravizadas...infâncias que se presentificam na história de um país e que emergem de forma desigual pelos espaços geográficos do mundo e do território nacional. Crianças vivendo diferenciadas infâncias e se inserindo, de forma diversificada, nas redes e estruturas materiais e imateriais, físicas e simbólicas que forma a sociedade.

Toda infância é um território. A palavra é um espaço de disputa, uma arena, um espaço de regulação, de retenção, de controle e poder, como bem nos ensinou Bakhtin (obras diversas). Pensar a infância como expressão geográfica é assumir que, em torno das crianças, muitos setores diferenciados, implicam-se, imbricam-se, tensionam (e tencionam) intensas relações sociais, políticas e econômicas. As próprias crianças não estão fora disso, não aceitam, de forma passiva, muitas das escolhas que são feitas para elas, na vida, nas instituições, em diversos locais, por isso falamos em uma Geografia das crianças, em uma Geografia da Infância, assumida, sempre em sua condição plural, humana, em interfaces da filogênese, da ontogênese e da sociogênese, que singularizam cada um de nós, mas sem perder sua fronteira com o outro, com o mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

BEHNKEN, I.; HONIG M. S. (Org). MUCHOW, Martha; MUCHOW, Hans Heinrich. **Der Lebensraum des Großstadtkindes. Deutschland**: Beltz Juventa, 2012.

GUITART, A. O. Geografías de la infancia: descubriendo «nuevas formas» de ver y de entender el mundo. **Doc. Anàl. Geogr.** 49, 2007. 197-216. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/dag/02121573n49/02121573n49p197.pdf> Acesso em: 27 de novembro de 2017.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

¹⁰ VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13647.pdf>

JAMES, A.; JENS, C.; PROUT, A. **Theorizing childhood**. 4.ed. New York: Teachers, College Press, 2004 [1998].

LEHMAN-FRISCH, S.; VIVET, J. **Geographies des enfants et des jeunes**. Disponível em: http://www.carnetsdegeographes.org/carnets_debats/debat_03_01_Lehman_Frisch_Vivet.php
Acesso em: 28 de novembro de 2017.

LYNCH, K. **The Image of the City**. Cambridge: M. I. T. Press, 1960.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. de. **Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: Feme, 2005. 100p.

LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí. Ano 23, nº 79 Jan./Jun. 2008, p. 65-82.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 74ª edição, 1998

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.